

Paulo Ribeiro

CUMPRINDO a promessa de tornar inesquecível o 9.º Portugal de Lés-a-Lés, a Comissão de Mototurismo da Federação Nacional de Motociclismo ofereceu *espectáculo* de enorme intensidade às 367 equipas participantes nesta maratona de quase mil quilómetros entre Arcos de Valdevez, no Minho, e Faro, no Algarve. A gigantesca caravana de 734 motos (se somarmos os veículos da organização...), que demorava para lá de três horas a passar por cada povoação visitada e tinha extensão superior a 150 quilómetros, teve direito a observar paisagens inesquecíveis, património que retrata de forma fiel a História de Portugal e a... enorme dureza do percurso. Afinal, as verdadeiras aventuras têm as suas exigências!

A começar pela extensão, exponenciada pelo facto de ser integralmente percorrida, na melhor das hipóteses, em estradas nacionais (a maioria foi feita em percursos regionais, municipais e até caminhos de cabras!). Que servem, ainda e sempre, como única ligação entre muitas populações do interior do País e o mundo exterior. Pessoas de desarmante simplicidade, de sorriso fácil apesar das dificuldades, verdadeiramente encantadas com visita tão colorida.

Uma viagem pelo Portugal profundo, aquele que os políticos insistem em esquecer, com uma pureza que tanto encanta os turistas que nos visitam e revelou um país cheio de contrastes. Das (algumas!) boas estradas nacionais projectadas para proporcionar boas ligações e utilizadas com imenso prazer de condução, aos (muitos!) péssimos caminhos que teimam em resistir à evolução.

Antítese entre o verde do Parque Nacional da Peneda-Gerês, o amarelo conferido às paisa-

Esta foi a 9.ª travessia de Portugal Continental à moda antiga. Aventura sem auto-estradas, itinerários principais ou complementares mas com paisagens soberbas, riquíssimo património e muito gozo de condução. Mais a companhia do calor e do frio, do sol e do granizo, das brisas frescas e do nevoeiro cerrado. Contamos-lhe a experiência

# Aventura de sol a sol

FOTOS: Pedro Costa/ASF

gens alentejanas pelo ciente ceifado ou os tons negros com que os incêndios continuam a ensombrar um quadro que se deseja sempre em cores mais vivas. Diferenças também entre belíssimas aldeias e vilas bem recuperadas (Soajo ou Marvão são apenas dois bons exem-

plos) e muitos solares, castelos ou casas brasonadas totalmente votadas ao mais escandaloso abandono, desde o minhoto Paço da Giela ao alentejano castelo de Alegrete.

Viagem histórica, também, pelo Portugal das conquistas e dos heróis, recordando façanhas

de Viriato ao General Humberto Delgado nas 53 páginas de um *road-book* de enorme riqueza cultural. A começar pela batalha de D. Afonso Henriques com as tropas de Afonso VII de Leão que, em 1140, diz a lenda, tingiu o Vez de encarnado durante algumas horas, tal a carnifi-

cina. Ali mesmo, no sítio hoje se ergue a cidade de A de Valdevez.

Páginas que exaltam tanto a riqueza e diversidade ambiental, desde o nosso único Parque Nacional, o Peneda-Gerês, calizado na mais pluviosa região do país, às (abandonad



A caravana respeitou sempre os demais utilizadores das estradas...



Travessia do Ardila criou algumas dificuldades aos menos experientes





Longas rectas alentejanas ajudaram a relaxar



Olivença na internacionalização do Lés-a-Lés



Mosteiro de Salzedas é exemplo do riquíssimo património visitado pelos muitos participantes

## Juventude

Aos 15 anos, Tiago Mendes tornou-se no mais jovem participante de sempre no Lés-a-Lés, superando Gisela Costa que tinha 16 anos quando alinhou na maratona. Na companhia do pai, Paulo Mendes, o condutor da pequena Yamaha Aerox de 50 cc, com decoração à Valentino Rossi, chegou sem dificuldades de maior a Faro, mostrando a muitos veteranos como se faz... No extremo oposto posicionou-o o sempre jovem António Castilho que, aos 70 anos, mostrou que está aí para as curvas, com a sua Honda Africa Twin.



## Rios

Foram inúmeros os cursos de água atravessados neste périplo por território nacional. Além das travessias a vau do alentejano Ardila e do algarvio Vascão, a caravana atravessou, por pontes de todas as formas, feitos e datas de construção, desde as românicas às mais modernas, de ferro ou em betão, os rios Vez, Lina, Homem, Cávado, Ave, Tâmega, Cabril, Olo, Corgo, Douro, Varosa, Vouga, Dão, Mondego, Alva, Zêzere, Ocreza, Tejo, Sever, Caia, Guadiana ou Chança.

## Crise

A profunda crise que parece ter-se instalado de forma irremediável nas autarquias nacionais fez-se notar claramente em mais uma edição do Lés-a-Lés. Longe do envolvimento de anos idos, câmaras ou juntas de freguesia apoiaram de forma muito mais discreta o evento organizado pela FNM. E se no passado era importante contar com generoso espaço no saco de depósito ou numa mala para transportar os brindes e recordações típicos de cada local, agora o bolso do casaco foi mais que suficiente... Valeu o empenho das edilidades de Arcos de Valdevez, Tarouca, Marvão, Gouveia, Moura e Faro, responsáveis por reconfortar os estômagos dos aventureiros, assegurando o fornecimento de refeições sempre muito retemperadoras.

minas de São Domingos, no coração do Alentejo, cenário verdadeiramente surrealista, trazendo à imaginação planetas distantes, bem adaptado a qualquer filme de ficção científica.

Pelo caminho, muitos quilómetros, em milhares de curvas, de uma festa que começou com as mais divertidas verificações de que há memória, com direito a inspeções médicas a muitos dos participantes, antes do arranque de palanque especial, sempre aplaudidos pelos muitos arcuenses que compareceram à partida. E que não hesitaram em sair à rua em dia de feriado para incentivar os aventureiros que, da avenida que ladeia o rio Vez, se lançaram para inovador prólogo, miniamostra do que esperava a caravana.

Depois, a passagem pelo segundo maior concelho do país em número de freguesias (51),





com visita demorada à belíssima aldeia do Soajo, destino de eleição dos reis de Portugal que ali caçavam, que tem como *ex-libris* a sua eira comunitária de 24 espigueiros e o único pelourinho antropomórfico do País. O ar purificado pelos carvalhais e vidoeiros, as primeiras dificuldades de uma ou outra descida mais acentuada ou caminhos mais estreitos, marcaram o arranque para três dias que levariam a enorme *mole* motorizada desde o verdejante Minho ao solarengo Algarve. Com passagem pelo inconfundível Douro vinhateiro, pelas nobres terras beirãs ou pela tranquilidade do ondulante Alentejo, passando pelo tecto de Portugal Continental, com sofrida passagem pela Torre, na Estrela.

O granizo, o nevoeiro e o frio endureceram a subida aos 1991 metros do topo da Serra da Estrela, trazendo à memória o heroísmo dos ciclistas que tantas vezes desafiaram aquele Adamastor. Antes o calor, depois... mais calor. Ainda assim menos que o esperado graças ao heneplácito das nuvens que, de vez em quando, protegiam os motociclistas da inclemência dos sol,

refreando os ímpetos dos raios.

Problema que não afectou as primeiras equipas a partir para os 520,9 quilómetros de ligação até ao castelo de Marvão, aproveitando a frescura da madrugada minhota, com arranque às 6 horas! Uma etapa que fica na história do evento pelas exigências, fazendo recordar as primeiras edições, com 24 horas de condução quase ininterruptas. Uma tirada que exigia bom ritmo, atenção e nada de desperdício de tempo. Afinal sempre eram 13 horas e 50 minutos até à chegada, com paragem maior para o almoço, em Tarouca.

Antes ainda, os primeiros problemas técnicos nas motos menos preparadas para esta aventura, e uns quantos quilómetros em pisos de terra batida, caminhos que são, não raras vezes, um mal necessário para aceder a alguns dos mais recônditos e belos locais do território nacional. Caso do vale glacial da ribeira de Unhais, em plena Estrela, com paisagens de grandiosidade à medida do mais alto maciço montanhoso de Portugal Continental, ultrapassadas com acrescido esforço devido ao temporal que se abateu sobre a cara-



Na passagem pela região duriense, os aromas sedutores das vinhas... que deixaram saudades!



Mandada construir em 1465 pelo abade de Salzedas, a ponte-torre de Ucanha foi a nossa primeira portagem



vana, com muita chuva, nevoeiro quase intransponível, granizo (!) e frio cortante.

Eis o mais absoluto contraste com o dia solarengo vivido desde as seis horas da manhã do dia seguinte, o da segunda etapa, de Marvão a Faro, com 423,3

quilómetros, cumpridos em boa parte pelas estepes cerealíferas alentejanas, com direito a visita às maravilhas do Parque Natural da Serra de S. Mamede, ao conhecido aqueduto da Amoreira, *ex-libris* de Elvas, a mais imponente praça-forte da história nacional,

à ponte arruinada da, sobre o rio Guadiana, primeira internacionalização Lés-a-Lés. Em tirada que, além de muitos quilómetros em estrada, contou com as travessias dos rios Ardila e Vascão. Mais fáceis devido à redução



Muitas curvas em estrada, tipicamente minhota

## PALCO DE ENSAIO DA NOVÍSSIMA AJP PR3 200

### Testes de eleição

Evento de tão longa extensão e enorme variedade de caminhos, o Portugal de Lés-a-Lés é palco privilegiado para testes, longos e intensos, como a própria aventura organizada pela FNM. Condições excelentes há vários anos aproveitada por AUTOFOCO para ensaiar a fundo alguns dos modelos mais importantes do mercado nacional, sobretudo os vocacionados para mototurismo, como é o caso da BMW R 1200 GS Adventure experimentada este ano e cujo teste será publicado na próxima semana.

Outros seguiram este exemplo e António Pinto, fundador e proprietário da úni-



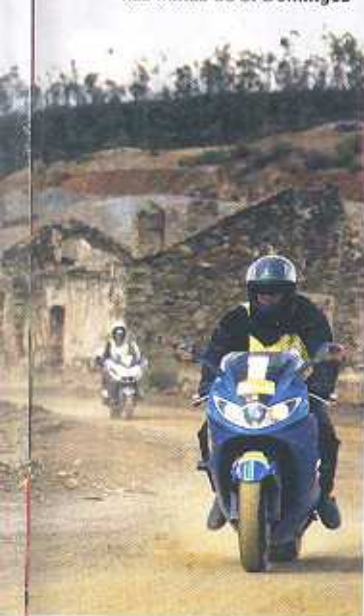
ca marca de motos portuguesa, a AJP, não hesitou em colocar na estrada a mais recente proposta da casa de Lousada, a PR3 200, para testar, em situações reais e lado a lado com as comprovadas PR4 125 e 200, algumas das soluções técnicas utilizadas no protótipo. Um modelo que «entrará em produção dentro de dois meses e que aqui sofreu mais em três dias do que, em muitos casos, ao longo de um ano inteiro de ensaios». Sobretudo porque «o uso intensivo, ao longo de tantas horas seguidas, permitiu avaliar de forma única problemas de vibrações, aquecimento ou desgaste. Alteração a fazer? Talvez um banco mais largo e confortável para conduzir durante tanto tempo...» comentava de forma divertida António Pinto, estreante (e novo cliente!) do Lés-a-Lés.



Caminhos de terra massacrantes na busca de paisagens soberbas



Cenário quase extra-terrestre nas minas de S. Domingos



caudais, havendo, ainda assim, algumas motos que tomaram merecido banho. Talvez para retirar parte do pó acumulado...

Não fosse a passagem poeirenta pelas Minas de S. Domingos e podiam ter chegado limpas ao centro da capital algarvia, onde a festa preparada pelo Moto Clube de Faro sublinhou a superação de uma das mais difíceis edições do Portugal de Lés-a-Lés.

CONCLUSÃO

Reforçando o espírito original, a ligação entre Arcos de Valdevez e Faro recordou como se cruzava Portugal de Norte a Sul há algumas décadas, no tempo dos nossos avós, apimentando a viagem com umas quantas surpresas necessárias para desfrutar locais e paisagens inesquecíveis. Aventura já com data marcada para 2008: 22 a 24 de Maio.



## Moto Emergência

Funcionando como espécie de anjos da guarda da enorme caravana, os médicos, enfermeiros e assistentes da Moto Emergência foram surpreendidos, este ano, com muito pouco trabalho, apesar da caravana contar com mais de 800 pessoas. A equipa liderada por Luis Isqueiro registou, como casos mais complicados, uma fractura dos ossos do pé direito de um participante e quatro entorses ligeiras, a que se juntaram queimaduras solares (3), dores musculares provocadas pelo cansaço (5), picadas de insectos (3), feridas (1), tendinites dos punhos resultantes do esforço exigido por tantas horas de condução (2) e náuseas (2). Seguramente de penduras pouco habituados a ler (o *road-book*...) em estradas com tantas curvas!

## Mecânicos

Pouco trabalho tiveram também os mecânicos de serviço, da Motamaro e Moto Mad House. Assim, depois de 22 mudanças de pneus ainda antes das verificações técnicas, que decorreram em Arcos de Valdevez, só tiveram que realizar algumas desempanagens eléctricas e pequenas bricolagens durante todo o caminho até Faro. O maior trabalho aconteceu mesmo com a carrinha da Moto Mad House, com necessidade de reparar o cárter partido na descida da calçada em Escusa, à saída de Marvão.

## Oliveira

Foi a internacionalização assumida do Portugal de Lés-a-Lés depois das poucas centenas de metros cumpridas em 2002 em território espanhol, passando a fronteira minhota de São Gregório. Desta feita, a *incursão* foi bem maior, com quase 80 quilómetros de extensão, em visita de grande valor histórico, iniciada pela bem portuguesa Puerta del Calvário onde luzem as cinco quas da bandeira lusitana, primeiro dos muitos sinais (pelourinho, porta manuelina, vários brasões na Plaza de Santa Maria) existentes em Oliveira. Tempo ainda para ver o monumento ao General Humberto Delgado, opositor do regime salazarista assassinado por um comando da polícia política (PIDE), em 1965, sendo o corpo, juntamente com o da secretária, abandonado bem perto de Villanueva del Fresno.



Ural saiu de Sevilha com zero quilómetros, regressou com três mil...



## O SONHO DO ESPANHOL QUE VENCEU A TETRAPLEGIA Legião estrangeira

Começaram por ser apenas dois austríacos (Harold Schwighofer e Brigit Kracgnitzer) e uma inglesa (Julieta Dimmick), todos participantes na edição de 2006. Gostaram tanto que repetiram este ano, mas agora integrados em muito mais amplo pelotão internacional com mais cinco alemães e nove espanhóis, em *sielecars* da russa Ural e até motos... normais.

Da legião estrangeira destacava-se um simpático casal de sevilhanos, Rafael Valverde Muñoz e Catalina Ortuño, com uma Ural Tourist 750, novinha em folha, oferecida por um dos filhos, porque «a mãe queria apreciar melhor a paisagem e na Honda SilverWing 600 é mais difícil».

Encantado com «a excelente experiência e pelas muitas histórias para contar aos

netos», o ex-funcionário da Telefónica reformado devido a graves lesões na luna (duas complicadas operações em vértebras lombares e uma placa de titânio nas cervicais) garante que vai «regressar para conhecer melhor Portugal». E a continuidade a um prazer, o de andar de moto, que foi motivação maior quando os médicos anunciavam, com absoluta firmeza, que Rafael Muñoz ficaria tetraplégico. Combate vencido «com o apoio da mulher e dos filhos e com a certeza que, na vida, é o coração que ordena

## CICLOMOTORES PROTAGONIZAM HISTÓRIAS DE SOFRIMENTO E SUCESSO

# Loucos destemidos

Alguns são participantes habituais. Outros, estroantes. Semelhante é o facto de estarem possuídos por saudável loucura, ausência de medos e gosto pela aventura... extrema. Porventura achando fácil os cerca de 1000 quilómetros idealizados para unir dois extremos de Portugal Continental, muitos apostam em aumentar as dificuldades recorrendo a veículos que estão longe de apresentar as características ideais para tamanha empreitada.

Desde as muita Vespa, algumas bem antigas e com motores de 50 cc, até às *hilituções* Honda Monkey, passando pelas Sachs, Macal e outros ciclomotores que marcaram a mobilidade em território nacional no último meio século. Mas o destaque folclórico pertenceu aos extremistas triciclos que equipavam as duas primeiras equipas na estrada.

Um Motali, ciclomotor fechado, com três rodas, destinado à utilização por deficientes motores, foi o primeiro a partir mas os problemas começaram ainda em Arcos de Valdevez. A teimosia de Miguel Ferraz arastou o bizarro veículo até Tarouca, onde acabou por desistir devido às dores de costas... do



O triciclo Motali foi visto na partida e... pouco mais. Os ciclomotores antigos combinavam com a paisagem dominante no Lés-a-Lés



seu companheiro de equipa, que estava montado numa normalíssima Honda CB.

Igual sorte teve Osvaldo Garcia, que depois de fazer o Lés-a-Lés em máquinas tão diferentes (e tão loucas!...) como a mini-Honda, Famel, Mobillette ou a original Solex, apostou num triciclo de caixa aberta com mo-

tor Zundapp. Com muita mão-de-obra pelo meio, cedeu a caminho do Fundão, acabando viagem a conduzir a enorme Honda Pan-European do companheiro de equipa, Torcato Santos. Qui, para condizer com tamanha maluqueira, puxava um pouco convencional atrelado de fabrico caseiro...

Sem problemas de maior terminou, pela quarta vez, o grupo de saudáveis aventureiros de Santo Estêvão que, todos os anos por esta altura, troca as motos maiores que têm na garagem pelas Sachs, Macal ou Famel em que aprenderam a conduzir. E apesar de uma ou outra intervenção mecânica, uma ligeira saída de estrada e muito frio na passagem pela Estrela, lá chegaram a Faro. E bem dentro do horário!...